



Discurso da Mídia ou Interdiscurso? A memória discursiva em pauta¹

Danny Jessé Falkembach NASCIMENTO²
Marquiana de Freitas Vilas Boas GOMES³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Guarapuava, PR

RESUMO

Este artigo abordará a questão do discurso midiático e suas ligações com a história. Desta forma, buscamos analisar o chamado discurso da mídia, tendo como ponto principal da análise o ponto de vista de Michel Pêcheux e sua visão do interdiscurso. No intuito de averiguar se o considerado discurso da mídia é originário dela ou é fruto de outras formações discursivas que envolvem todo um contexto histórico, como argumenta a teoria de Michel Pêcheux, nos pautaremos em estudar como essa memória discursiva se insere nos enunciados que partem da mídia, em especial o telejornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Interdiscurso. Discurso da mídia. Memória discursiva. Contexto histórico. Telejornalismo.

Introdução

A intenção principal deste trabalho, em linhas gerais, é procurar compreender o discurso midiático sob a ótica de Michel Pêcheux (1997). Porém, queremos deixar claro que além de Pêcheux (foco principal do trabalho), também, traremos à luz outros autores que possam colaborar com o objetivo principal deste ensaio.

O trabalho contemplará três momentos. No início, discutiremos o discurso midiático, analisando brevemente os debates gerados por autores que trabalham a temática. Em um momento posterior, mas não menos importante, contemplaremos o interdiscurso, em especial o trabalho de Michel Pêcheux (1997). E, finalmente, buscaremos refletir sobre os telejornais, onde brevemente apresentaremos duas reportagens de décadas diferentes, mas de mesmo assunto, onde será possível notar os traços do 'já-dito' e visualizar como a memória discursiva é evocada nos telejornais.

O tema que será analisado em reportagens diz respeito às tragédias causadas por fortes chuvas no Rio de Janeiro. Nossa escolha por esta temática, diz respeito ao

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Mestrando do Curso de Geografia da Unicentro – Campus Cedeteg, email: djesse.unicentro@gmail.com.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICENTRO; orientadora da pesquisa, email: marquiana@unicentro.br.



nosso interesse em compreender como as catástrofes naturais⁴ são abordadas pela mídia. Desta forma, buscamos responder algumas questões que surgem ao pesquisar sobre o tema proposto. Porém, daremos especial atenção às questões que consideramos chave para este trabalho, que podem ser definidas desta forma: O “discurso da mídia” é mesmo dela ou é fruto do que Pêcheux (1997) denomina como interdiscurso? Quais são os traços da memória discursiva que podem ser visualizados na mídia? (em nosso caso, nos telejornais).

Enfim, o intuito deste ensaio é compreender como o fato, ao tornar-se um enunciado da mídia, apresenta traços da história, demonstrando sua relação com o interdiscurso⁵.

O Discurso Midiático

Atualmente, temos um grande número de informações que partem das muitas formas de mídias que estão disponíveis, bombardeando constantemente a sociedade. A mídia produz um discurso amplamente preparado para atingir o telespectador e se utiliza da história para respaldar muitas de suas informações. A importância da mídia é comprovada em diversas obras. Para Guareschi (2004), a mídia é um novo personagem dentro de casa e questiona:

Será que o novo personagem não tem nada a ver com a construção de nosso ser, de nossa subjetividade? Se nós somos o resultado da soma total de nossas relações, será que as relações que estabelecemos com a mídia não teriam algo a dizer sobre o que somos? (2004, p. 32)

E ainda acrescenta: “Que tipo de pessoas estão sendo construídas dentro dessa nova sociedade midiática? Que comportamentos e atitudes tornar-se-ão preponderantes na vida das pessoas?” (Ibidem, p. 33).

Ora, é justamente esse poder da mídia que produz dúvidas, medos e anseios. Esse poder também é lembrado por Pavani, *et al*: “Sabe-se que hoje a mídia é a grande formadora de gostos, opiniões, sentimentos e significados, sendo usada para convencer o consumidor de produtos e serviços, possibilitando assim a construção de ideias” (2007, p. 68).

⁴ As catástrofes naturais, muitas vezes, não possuem apenas um resultado de processos da natureza, mas podem ter um componente importante da ação antrópica em ambientes frágeis. A questão é como a abordagem desta temática tem contribuído para que a sociedade compreenda a dimensão do problema.

⁵ Focaremos, portanto, nesta discussão, sem necessariamente nos aprofundarmos nos fundamentos do jornalismo ou da produção de telejornais.



E é impulsionada por este poder que a mídia promove e determina a importância dos fatos considerados noticiosos. Sobre isso, Sousa (2002) destaca que,

de alguma forma, as notícias, entre múltiplas outras funções, participam na definição de uma noção partilhada do que é atual e importante e do que não o é, proporcionam pontos de vista sobre a realidade, possibilitam gratificações pelo seu consumo, podem gerar conhecimento e também sugerir, direta ou indiretamente, respostas para os problemas que quotidianamente os cidadãos enfrentam. As notícias, ao surgirem no tecido social por ação dos meios jornalísticos, participam da realidade social existente, configuram referentes coletivos e geram determinados processos modificadores dessa mesma realidade. (p.119)

Produzindo um simples recorte e selecionando o meio “televisivo”, podemos vislumbrar a importância da televisão, comprovada por diversos autores. Por exemplo, Rocco (2003, p. 19) destaca que “a televisão é hoje parte do cotidiano, parte referencial da vida de quase todos os homens”. Esta influência da televisão fica ainda mais evidente, quando Baccega (2000) nos lembra que ela (a televisão)

compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação. Ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano: o tempo de exposição das pessoas à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou à convivência com os pais. (p. 95)

Essa importância da mídia, muitas vezes, nos leva ao encontro do poder que os meios de comunicação detêm. Buscando elucidar de forma sumária esta questão, apresentaremos alguns pontos importantes do discurso da mídia, que podem colaborar para o entendimento/desenvolvimento deste trabalho. Um destes pontos, que já podemos mencionar e que está ligado a esta pesquisa, é o uso do “dito” e do “não-dito” no discurso. Ressaltamos que utilizaremos a definição simples de que o “dito” é o que está explícito e o “não-dito” o que está implícito. Ou seja, para nossa pesquisa, o não-dito é também parte constituinte do discurso ou, como afirma Orlandi, “é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se” (2005, p. 82).

Retornamos, agora, à análise do que é este “discurso” que parte da mídia. Para Muniz Sodré (1996, p. 132), “do ponto de vista do medium, o acontecimento é matéria-prima para o produto notícia que, por sua vez, pode constituir-se em acontecimento para



o público”. Nessa ótica, a produção da notícia se torna extremamente importante, isto porque

fatos e notícias não existem por si só, como entidades “naturais”. Ao contrário, são assim designados por alguém, por motivos que nem sempre são óbvios. Mas essa operação fica oculta sob o manto mistificador da suposta “objetividade jornalística”⁶. (ARBEX JR, 2001, p. 103)

Azevedo (2001, p. 184) nos lembra que ao selecionar o acontecimento, definir personagens, avaliar e criticar ideias e comportamentos ou simplesmente transmitir notícias, os meios de comunicação configuram temas e hierarquizam questões ao mesmo tempo em que produzem enquadramentos favoráveis ou desfavoráveis. Surge agora a questão da subjetividade, que derruba a suposta “objetividade jornalística”, pois cada meio de comunicação tem sua linha editorial, que vem acompanhada de toda uma carga histórica, cultural e econômica, com fins pré-determinados.

Traquina (1993) nos mostra que a “objetividade jornalística” despreza fatores de produção jornalística, como a narrativa jornalística, o processo de seleção dos acontecimentos noticiosos, a ordenação do tempo, as relações com o poder e a interferência da realidade social, cultural e historicamente constituída.

Temos, então, um discurso midiático totalmente carregado de subjetividade, fruto de interesses corporativistas. Pelo exposto, voltemos a nossa questão inicial deste ensaio: O “discurso da mídia” é mesmo dela ou é fruto do que Pêcheux destaca como interdiscurso? Quais são os traços da memória discursiva que podem ser visualizados na mídia? Antes de respondermos a estas questões, vamos abordar sobre o interdiscurso, pré-construído, formação discursiva, formação ideológica, etc.

O Interdiscurso e seus encadeamentos

Como uma crítica ao realismo metafísico e também ao empirismo lógico, em “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, Michel Pêcheux (1997) constrói uma teoria materialista do discurso, com muitas análises e conceituações. Nos cabe delimitar o que é necessário em nosso percurso, para que nossa pesquisa atinja seus objetivos. Nos preocuparemos apenas com aquilo que possa colaborar para definições e enriquecimento do trabalho e que também possa promover uma definição

⁶ A “objetividade jornalística” remete a uma concepção de que toda notícia é verdadeira.



do que é interdiscurso, bem como dos conceitos e elementos que estão diretamente ligados a ele.

Para iniciarmos este diálogo, citamos Malidier (2003, p. 34), que explica que “do lado da língua, faltava também um elo decisivo para que a teoria do discurso estivesse verdadeiramente concernida com os funcionamentos linguísticos. A questão do pré-construído vai constituir um ponto decisivo da teoria do discurso”. Devemos, então, contextualizar a noção de pré-construído para que possamos prosseguir na montagem de nosso raciocínio.

Desta forma, lembramos que o conceito de pré-construído é de Paul Henry e remete “a uma construção anterior e exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é 'construído' pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático” (*apud* PÊCHEUX, 1997, p. 99).

Ora, note-se que, do mesmo modo que o conceito de pré-construído não é compreendido sem que haja uma noção de interdiscurso, este somente pode ser concebido devido à conceituação de pré-construído e isto tornou-se um elemento primordial para que Pêcheux pudesse conceber sua teoria sobre a análise do discurso.

E é neste envolvimento com o pré-construído que o interdiscurso surge. A partir do momento em que Pêcheux nota que no discurso existem traços de enunciados anteriores, aparece a necessidade de conceituação para este fenômeno. Assim, o interdiscurso surge da “objetividade material” que “reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997, p. 162).

Ainda sobre o pré-construído, Pêcheux cita exemplos de como este efeito se articula. Analisamos um destes enunciados (oriunda de FREGE, *apud* PÊCHEUX, 1997, p. 109): “O gelo flutua sobre a água”, que evoca o pré-construído e é a “conclusão de um silogismo” (Idem), pois remete ao saber de que, se algo tem peso específico inferior ao da água, flutua sobre ela. Assim, o gelo, tendo peso específico inferior ao da água, flutua sobre a água. Neste momento, vemos um “retorno do saber”, além de nos depararmos com aquilo que Pêcheux chama de “articulação do enunciado” e de “efeito de sustentação”. Para conceituarmos rapidamente estes elementos do discurso, utilizamos os dois enunciados da frase de Pêcheux:

O gelo tem peso específico inferior ao da água (1º enunciado)	O gelo flutua sobre a água (2º enunciado)
--	--



Desta forma, é necessária a “articulação” entre os enunciados para que haja o entendimento do enunciado, que ficaria assim: “O gelo, que tem peso específico inferior ao da água, flutua sobre a água” (Idem). Também é necessário um ponto de sustentação, neste caso, específico, sustentado pelas leis da Física, como vemos a seguir:

O gelo,	que tem peso específico inferior ao da água, (<i>ponto de sustentação</i>)	flutua sobre a água.
---------	---	----------------------

Assim, rapidamente, conseguimos visualizar alguns pontos que fazem com que o pré-construído possa ser visualizado, pois, como afirma Pêcheux (Ibidem, p. 111), o “processo de sustentação” constitui “o retorno do saber no pensamento”. Exemplificados os conceitos, voltamos ao foco do ensaio: o interdiscurso.

Antes, ainda, ressaltamos que, no enunciado analisado anteriormente, já vislumbramos o “dito” e o “não-dito” em um enunciado. Consideramos estes elementos importantíssimos para o entendimento não só do interdiscurso, mas também no que diz respeito ao discurso que parte dos telejornais. Em hora oportuna, voltaremos, então, a falar destes elementos.

Para continuarmos nossa caminhada rumo ao entendimento do interdiscurso de Pêcheux (1997), recorreremos agora aos conceitos de “formação ideológica” e “formação discursiva”. Para Michel Pêcheux, a formação discursiva é

aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (1997, p. 160).

É ao reconhecer que a formação discursiva, em uma formação ideológica, determina 'o que pode e deve ser dito', que Pêcheux propõe que o interdiscurso é o “todo complexo dominante das formações discursivas”, que se articula no complexo das formações ideológicas. Para ele, é

a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (Idem, p. 160)



Pêcheux nos mostra que a ideologia possui uma materialidade que possibilita uma identificação no discurso do sujeito, permitindo visualizar a formação discursiva deste sujeito. Assim,

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literariedade do significante), mas, ao contrário, *é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo*⁷ no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, as expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (Idem, p. 160)

Ora, se a formação ideológica possibilita identificar a formação discursiva do sujeito e ela “determina o que pode e deve ser dito”, então a formação discursiva está amplamente relacionada à formação ideológica, que pode ser definida como o “conjunto complexo de atitudes e representações, não individuais nem universais, que se relacionam às posições de classes em conflito umas com as outras” (FERREIRA, 2001, p. 16).

Destá forma, “os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997, p. 214).

Neste momento, notamos a importância de trabalharmos a noção de intradiscurso. De acordo com Pêcheux, intradiscurso é o “fio do discurso” do sujeito e é, “a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’ inteiramente determinada como tal do ‘exterior’” (Ibidem, p. 167). O autor completa essa ideia afirmando o seguinte:

diremos que a forma-sujeito⁸ tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro “já-dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “co-referência”. (Idem)

⁷ Grifo nosso.

⁸ É a forma pela qual o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui. Esta identificação baseia-se no fato de que os elementos do interdiscurso, ao serem retomados pelo sujeito do discurso, acabam por determiná-lo. Também chamado de sujeito do saber, sujeito universal ou sujeito histórico de uma determinada formação discursiva, a forma-sujeito é responsável pela ilusão de unidade do sujeito (FERREIRA, 2001, p. 15).



Desta forma, podemos dizer que os elementos do discurso são elaborados no interdiscurso e articulados no intradiscurso, culminando, então, na enunciação desse discurso. Podemos, ainda, dizer que Michel Pêcheux (1997) denominou de interdiscurso o conjunto de discursos anteriores à enunciação e de intradiscurso o discurso ao ser enunciado.

Esses discursos anteriores à enunciação são possíveis porque “algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente” (Ibidem. p. 162), o que nada mais é do que e efeito de pré-construído. Para Pêcheux, “o 'pré-construído' corresponde ao 'sempre-já-aí' da interpelação ideológica que fornece-impõe a 'realidade' e seu 'sentido' sob a forma da universalidade” (Ibidem, p.164).

Não podemos esquecer que a própria estrutura do interdiscurso determina não só o efeito de encadeamento do pré-construído, como também o efeito de articulação de enunciados (Ibidem, p. 162). Para que haja a articulação (ou sustentação) de enunciados, é necessário aquilo que Pêcheux denomina de “discurso transverso”. “Observemos que o funcionamento do 'discurso transverso' remete àquilo que, classicamente, é designado por metonímia, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa, etc.” (Ibidem, p. 166). De forma simples, exemplificaremos o funcionamento do discurso transverso, tomando emprestado um enunciado utilizado pelo próprio Pêcheux (1997). Vejamos o seguinte enunciado: “Aquele que morreu na cruz nunca existiu”.

Aquele que morreu na cruz (<i>discurso cristão</i>)	nunca existiu (<i>discurso ateu</i>)
--	---

Temos, nesta frase, inicialmente um discurso cristão e em seguida o discurso transverso (ateu). Este enunciado nos mostra perfeitamente o funcionamento do interdiscurso que, por meio de uma conexão entre o “já-dito”, o “retorno do saber” (neste caso, implícito – Jesus Cristo, que morreu na cruz) e outra “formação ideológica/discursiva” (ateu), acaba articulando outro enunciando no intradiscurso. Desta maneira, podemos avaliar que discurso transverso caracteriza a articulação do pré-construído em outro discurso, isto porque todo discurso é atravessado por outras formações discursivas e/ou ideológicas. Por fim, nos cabe lembrar que Pêcheux também destaca que o



“ego”, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao Outro⁹ ou ao Sujeito, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma da autonomia. (Ibidem, p. 163)

Para Pêcheux, esse assujeitamento se realiza por meio daquilo que ele denomina como “esquecimentos”, pois, assim, o sujeito (s minúsculo) do discurso é determinado por estes esquecimentos, tendo em vista que é interpelado em sujeito pelas formações ideológicas, com seus sentidos pré-existentes, e com a ilusão de ser o criador do seu enunciado. Pêcheux ainda analisa que esse esquecimento seria o nº 1, também chamado de esquecimento ideológico, e que o esquecimento nº 2 seria aquele “pelo qual todo sujeito-falante 'seleciona' no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e consequências que nela se encontram em relação de paráfrase” (Ibidem, p. 173).

Benetti e Jacks (2001, p. 283) trazem um pouco mais à luz os conceitos dos esquecimentos, ao afirmarem que, “no primeiro tipo de esquecimento, o sujeito apaga a noção de não ser a fonte única e original de seu pensamento. Cria a ilusão de que é o senhor de seu discurso e de suas falas” e, ainda, que “no segundo tipo de esquecimento, o sujeito apaga a noção de que seu discurso nada mais é do que a escolha de determinadas estratégias de expressão. É o chamado processo de denegação. Escolho uma forma, em detrimento de outra. Dou lugar a um dito, recusando um não dito”, ou seja, neste segundo tipo “o sujeito esquece que fez uma escolha, mas poderia ter feito outra”.

Com a noção de interdiscurso apresentada, bem como os principais elementos que a compõe, chegou o momento de trazermos à tona os conteúdos jornalísticos coletados, afim de que possamos demonstrar como a memória discursiva é evocada no telejornalismo.

Telejornal: um breve exemplo

A partir de agora, temos o intuito de dar suporte ao nosso trabalho. Exemplificaremos nossas ideias, de modo que o leitor possa visualizar os traços da história no discurso jornalístico, bem como notar o interdiscurso no intradiscurso que

⁹Pêcheux (1997) sugere um Sujeito (S maiúsculo, absoluto e universal) que é identificado com o que Lacan denomina como o Outro (O maiúsculo), onde “o inconsciente seria o discurso do Outro” (LACAN apud PÊCHEUX. 1997, p. 133).



parte da mídia. Para isso, utilizaremos dois momentos do Jornal Nacional¹⁰, que é veiculado na Rede Globo de Televisão, sobre duas tragédias ocasionadas pelas chuvas, sendo uma do ano de 1988 e outra de 2011, ambas no Rio de Janeiro.

Primeiramente, destacamos que o programa selecionado de 1988 tem duração total de 30 minutos (m) e 26 segundos (s), dividido em quatro partes¹¹. Já a edição de 2011¹² é mais curta, com 4m50s, correspondendo a uma reportagem do programa. Porém, a diferença entre o tempo de duração dos programas jornalísticos não será prejudicial à pesquisa.

Iniciamos nossa análise, extraindo trechos dos materiais selecionados e que serão apresentados em duas tabelas. Estas tabelas serão analisadas logo depois de sua exposição.

Tabela 1: Programa de 1988 do Jornal Nacional

Quem disse	Quando	O que disse
Apresentador	15s (1/4)*	<i>A chuva no Rio de Janeiro destrói bairros inteiros, mata quase 50 pessoas e deixa 10 mil desabrigados.</i>
	32s (2/4)	<i>A chuva está sendo provocada por uma frente fria.</i>
	1m53s (2/4)	<i>Os desabrigados chegam a 9 mil e estão sendo alojados em escolas públicas e abrigos improvisados pela defesa civil.</i>
Repórter	7m24s (2/4)	<i>Olhando os estragos que a chuva causou...</i>
Apresentador	01s (3/4)	<i>A prefeitura do Rio fez uma relação de 145 áreas de risco no município, principalmente em favelas.</i>
	3m01s (3/4)	<i>As chuvas desse verão foram as piores dos últimos anos.</i>
Moreira Franco, na época, governador do Rio de Janeiro (1998)	3m48s (3/4)	<i>A situação é muito ruim, mas o governo do Estado e a prefeitura do Rio estão unidas, enfrentando todas essas dificuldades.</i>
Repórter	5m50s (3/4)	<i>Nessa parte do bairro, vão ser necessárias semanas para recuperar o que a chuva estragou em poucas horas.</i>
	7m52s (3/4)	<i>Tivemos, neste mês de fevereiro, as maiores chuvas da história da cidade.</i>

¹⁰ Selecionado tendo em vista a audiência do programa, medida pelo Ibope, que é muito superior aos demais programas de outras emissoras. A audiência pode ser conferida no site: <http://www.almanaqueibopecom.br>.

¹¹ Os vídeos foram acessados (e baixados) no YouTube, em 12/01/2012, pelos links: <http://www.youtube.com/watch?v=Q2BGa-sWm88&feature=related> (Parte 1); <http://www.youtube.com/watch?v=A5EXLvIghc&feature=related> (Parte 2); <http://www.youtube.com/watch?v=bRaBNkYKKIE&feature=related> (Parte 3); <http://www.youtube.com/watch?v=T9camopHxkc&feature=related> (Parte 4).

¹² Vídeo também acessado (e baixado) via YouTube, em 13/01/2012, pelo link: <http://www.youtube.com/watch?v=3omV-SVgNE&feature=related> (parte única).



Saturnino Braga, na época, prefeito do Rio de Janeiro (1998)	8m (3/4)	<i>Estamos absolutamente convencidos de que a quantidade de água que caiu foi superior àquela grande chuva, grandes intempéries de 1966.</i>
Apresentador	6m32s (4/4)	<i>O Rio está precisando muito de todos nós. Vamos ajudar uma cidade martirizada...</i>

*Neste formato, leia-se “parte 1 de 4 partes”, tendo em vista que o programa é dividido em quatro partes.

Tabela 2: Reportagem de 2011 do Jornal Nacional

Quem disse	Quando	O que disse
Apresentadora	05s	<i>Cerca de 48 horas depois do início das chuvas, o número de mortos na Região Serrana do Rio já chega a 506.</i>
	20s	<i>O desastre natural que começou enorme já se tornou o maior da história do Brasil.</i>
Repórter	42s	<i>Esse rio de lama que a gente está vendo era um córrego.</i>
Apresentadores/Repórteres	3m57s	<i>(a partir deste momento, é feita uma montagem de edições anteriores para demonstrar a evolução na quantidade de mortos pela catástrofe)</i>

Na Tabela 1, vemos que logo aos 15s (1/4) é citada 'a chuva' como causadora da morte de quase 50 pessoas no Rio de Janeiro. Sabe-se que, na maioria dos casos, não é a chuva que causa mortes, mas sim as catástrofes ocasionadas por ela e por problemas de urbanização. Neste caso, temos a repetição de uma “formação ideológica”, um pré-construído que se repete ano após ano nos discursos da mídia. Aos 7m24s (2/4) e 5m50s (3/4), também vemos essa afirmação de que a chuva é causadora de estragos. Seria este o discurso do Sujeito se repetindo no indivíduo assujeitado, como se o discurso fosse deste último.

Na sequência, aos 32s (2/4), ocorre um enunciado em que fica evidenciado que o apresentador recorre à “memória histórica” do telespectador, ao falar em 'frente fria' sem conceituar o fenômeno. Note-se, ainda, que o conceito de 'frente fria', que está implícito, é o “ponto de sustentação” desta frase, evidenciando o 'interdiscurso' e que poderia ser formulada desta forma: A frente fria, que é "uma zona de transição entre uma massa de ar quente e outra de ar frio"¹³, está provocando a chuva.

¹³ Conceito citado por Amanda Sabatini Dufek, professora de Meteorologia do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP). In: <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/frente-fria-480885.shtml>, acessado em 20 de janeiro de 2012.



Já a 1m53s (2/4), temos um enunciado que cita as palavras *desabrigados* e *escolas*, por exemplo. Nisto, novamente vemos surgir o “não-dito”¹⁴, que está implícito, mas que compõe o enunciado, pois, como citamos anteriormente, Pêcheux já havia dito que a ideologia fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é uma palavra ou um enunciado.

Uma comparação que é interessante destacar advém das palavras 'rio', como em um *rio de lama*, e 'Rio', em referência à cidade ou estado do Rio de Janeiro. São inúmeras as vezes em que estas palavras são citadas em contextos totalmente diferentes nas reportagens¹⁵, evocando a memória discursiva dos telespectadores, promovendo o confronto entre as palavras enunciadas e, ao mesmo tempo, gerando o encontro e a reorganização de uma atualidade e de uma memória evocada (PÊCHEUX, 2002, p. 19). A importância da evocação da memória, para o discurso da mídia, também pode ser constatada na Tabela 2, que mostra que, a partir dos 3m57s, ocorre uma montagem de edições anteriores (história recente) para apresentar a evolução na quantidade de mortos pela catástrofe, o que nos mostra que a mídia sabe muito bem explorar os acontecimentos e enunciados do passado para produzir o discurso.

Além disso, a mídia analisada, ao formular e enunciar inúmeras vezes que a tragédia (em sua respectiva época) é a “maior da história”¹⁶, nos mostra como o interdiscurso surge como o puro “já-dito”. É, também, aquilo que Pêcheux (1997) denomina o “retorno do saber no pensamento”.

Por fim, nos falta ainda mostrar como o discurso transversal aparece na mídia televisiva. Para isso, utilizamos o discurso de Moreira Franco, na época, governador do Rio de Janeiro, apresentado aos 3m48s (3/4), que atravessa o discurso visto no programa, que praticamente narra a catástrofe, para encaixar o discurso governista. Ou seja, em outras palavras, a situação é complicada, porém o governo do Estado e a prefeitura do Rio de Janeiro “estão unidas”, enfrentando os problemas.

Concluimos aqui o capítulo que diz respeito à análise em nosso trabalho, com a convicção do dever cumprido, pois pudemos explicitar partes fundamentais da pesquisa.

¹⁴ Como já dissemos anteriormente, nessa pesquisa, utilizamos definições simples de que o 'dito' é o que está explícito e o 'não-dito' o que está implícito.

¹⁵ No programa de 1988, vide 01s (3/4), 3m48s (3/4) e 6m32s (4/4). E na reportagem de 2011, observe-se aos 05s.

¹⁶ Apresentado, no programa de 1988, aos 3m01s (3/4), 7m52s (3/4) e 8m (3/4). Na reportagem de 2011, isso é mostrado aos 20s.



Enfim, o Discurso é da Mídia ou é Interdiscurso?

Em nosso trajeto, que objetivava esclarecer se o discurso da mídia é fruto dos meios de comunicação ou é um intradiscurso, originado pelo interdiscurso, podemos concluir que o fato, ao ser considerado notícia e, então, veiculado, evoca aquilo que Michel Pêcheux (1997) denominou de interdiscurso. Não que o discurso não seja da mídia, pelo contrário, ele o é. Mas é de tal forma como no sujeito, que em seu “ego” não pode admitir seu assujeitamento ao Sujeito.

Entretanto, temos que admitir que a mídia, muitas vezes, utiliza essa “memória histórica” como recurso jornalístico. E o faz com tamanha adequação/precisão que, mesmo deixando aflorar o discurso “pré-construído”, ainda assim o apresenta de uma forma totalmente individual, como se ela, a mídia, fosse o ponto inicial daquele enunciado. Ora, se esse é um dos componentes do interdiscurso, então, os meios de comunicação estão para o interdiscurso como o sujeito está para o Sujeito, ou seja, totalmente assujeitado, sendo interpelado pelas formações ideológicas/discursivas e com a ilusão de ser o criador do seu enunciado.

Finalmente, acreditamos que, no decorrer deste trabalho, conseguimos apresentar os traços da memória discursiva que a mídia utiliza em seu discurso. Presente e passado se entrelaçam nos enunciados que a mídia promove. O presente incessante e factual é um passado trazido à tona pelas memórias, constantemente evocadas para dar sustentação ao discurso que se origina como um “sempre-já-ai”, revelando, antes de tudo, uma história que continua se repetindo e se reorganizando.

Enfim, é sim um discurso da mídia, mas é um discurso carregado de um interdiscurso que “fala antes, em outro lugar e independentemente”.

REFERÊNCIAS

ARBEX JR., J. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo, Editora Casa Amarela, 2001.

AZEVEDO, F. A. **Imprensa, cobertura eleitoral e objetividade: a eleição de 2000 na capital paulista**. Opinião Pública. Campinas, v. 7, n. 2, Nov. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762001000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 de janeiro de 2012.

BACCEGA, M. A. **Comunicação/educação: aproximações**. In: BUCCI, Eugenio. A tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.



BARBOSA, M. **Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre Comunicação e História.** In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). Comunicação e história: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X; Globo Universidade, 2008.

BENETTI, M; JACKS, N. A. **O discurso jornalístico.** In: X Compós- Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001, Brasília. Anais do X Encontro Anual da Compós, 2001. v. 1. p.280-290.

FERREIRA, M. C. L. (org.). **Glossário de termos do discurso.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001.

FERRÉS, J. **Televisão Subliminar: Socializando através de Comunicações Despercebidas.** Tradução Ernani Rosa e Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GUARESCHI, P. **Psicologia, Subjetividade e Mídia.** In: FURTADO, Odair. (Org.). II Seminário de Psicologia e Direitos Humanos - Compromissos e comprometimentos da psicologia. Recife: Ed. Universitária, 2004, v. 1, p. 29-34.

GREGOLIN, M. do R. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades.** Revista Comunicação, Mídia e Consumo. Vol. 4, n. 11, p. 11-25. São Paulo, 2007. Disponível em:<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/117/118>. Acesso em 18 de janeiro de 2012.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje.** Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PAVANI, C; JUNQUER, Â; CORTEZ, E. **Jornal: uma abertura para a Educação.** Papyrus, Campinas, 2007.

PÊCHEUX, M. **Delimitações, inversões, deslocamentos.** In: Cadernos de Estudos Linguísticos, 19. Campinas: IEL, Unicamp, 1990.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de Eni P. Orlandi et al. 3.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** 3ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

ROCCO, M. T. F. **Linguagem Autoritária: Televisão e Persuasão.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo.** Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** Lisboa. Editora Veja, 1993.